



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ELIANA CECÍLIA DOS SANTOS**

**(Depoimento)**

**2007**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-268

**Entrevistado:** Eliana Cecília dos Santos

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Sede da Federação Riograndense de Ginástica

**Entrevistadora:** Ana Maurmann

**Data da entrevista:** 09/10/2007

**Transcrição:** Ana Maurmann

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** não informado

**Páginas Digitadas:** 11

**Observações:** Entrevista realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Anna Maurmann intitulado *Mulheres gestoras em federações esportivas no Rio Grande do Sul*, desenvolvido junto ao Curso de Graduação em Educação Física na UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Participação no esporte; carreira da entrevista na área da ginástica: atuação junto ao Grêmio Náutico União; envolvimento com campeonatos de ginástica; envolvimento com cargos de gestão; Federação Riograndense de Ginástica; planos de gestão para a Federação; participação das mulheres em cargos de gestão; dificuldades de trabalho nas federações esportivas.

Porto Alegre, 09 de outubro de 2007, entrevista com Eliana Cecília dos Santos a cargo da entrevistadora Anna Maurmann para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.M.- Bom, Eliana, vou começar perguntando o teu nome, tua idade, profissão e qual a tua função aqui na federação?

E.S.- Eliana Cecília dos Santos, eu tenho 56 anos e atuo como presidente da Federação Riograndense de Ginástica há um ano e nove meses.

A.M.- E tu trabalhas em outro lugar?

E.S.- Atualmente não, eu sou aposentada e trabalho *free* em duas áreas: tanto na área de produção de eventos, e trabalho numa clínica de psicologia com orientação na área junguiana embora não sendo psicóloga, eu trabalho os arquétipos junguianos.

A.M.- E qual foi a tua influência para a prática esportiva, tu praticavas esporte?

E.S.- Eu fui ginasta durante vários anos no Grêmio Náutico União<sup>1</sup>, fui árbitra tanto nacional como internacional e fui técnica de ginástica durante muitos anos também de vários clubes. Comecei no Navegantes São João<sup>2</sup>, passei pelo Grêmio Foo-tball Porto-Alegrense que, na ocasião tinha ginástica olímpica... Dei aula no interior do estado em Novo Hamburgo<sup>3</sup> e na capital, Porto Alegre.

Onde mais, em clubes? Acredito que tenha sido esses clubes, e o Grêmio Náutico União foi onde eu fiquei mais tempo; eu fui ginasta do Grêmio Náutico União, depois eu fiquei durante 10 ou 12 anos trabalhando no Grêmio Náutico União. No União, na realidade, eu fiz toda a minha formação porque no União eu era ginasta, depois eu comecei como professora, como auxiliar da minha professora, como monitora.

---

<sup>1</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>2</sup> Sociedade Ginástica Navegantes-São João. Em 1907 foi fundada a Sociedade de Tiro Navegantes que, posteriormente, se transformou no Sport Club Navegantes. Esse clube foi, posteriormente, incorporado à Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

<sup>3</sup> Cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

Com quinze anos fui contratada como técnica das escolinhas, das equipes de base, depois passei a ser técnica das equipes principais, eu trabalhei inclusive com a Adriana<sup>4</sup> que esta aqui na Federação agora, que foi técnica da Daiane<sup>5</sup>. Então quando eu sai do União ela assumiu, quando eu sai como técnica ela assumiu o lugar. No União, ainda, eu fui coordenadora de departamento tanto ginástica olímpica, rítmica, balé e jazz e até o momento eu fui a única pessoa que gerenciou toda a área esportiva do Grêmio Náutico União.

A.M.- E esse teu ingresso no mundo esportivo teve influência de quem? Teve algum clube, alguma escola, dos pais, o início?

E.S.- Na realidade a minha idéia era ter sido bailarina só que, naquela época, tinha em Porto Alegre as escolas de balé eram mais centrais. Eu morava na Assis Brasil<sup>6</sup>, perto do Cristo Redentor<sup>7</sup>, então com 11, 12 anos. E, outra coisa, naquela época se entrava também na ginástica mais tarde... Eu entrei na ginástica com 12 para 13 anos porque o meu pai trabalhava perto do Grêmio Náutico União. Então, como eles não conheciam muito nem dança e nem ginástica, a minha mãe achou que era a mesma coisa e dizia: “Já que tu quer ficar pulando, tu vai pular na ginástica que é igual.” Não tinha nada ver na realidade, embora a ginástica seja, no solo, realmente hoje em dia tenha muita base na dança, tanto o solo masculino quanto o feminino, mas basicamente o feminino. Na realidade, foi uma questão acho que de segurança; meus pais tinham medo que eu andasse pelo centro sozinha... Então, a minha intenção era ser bailarina, eu entrei na ginástica e depois eu gostei, fiquei, fui campeã, fui laureada... Sou laureada no Grêmio Náutico União, a minha equipe foi várias vezes campeã brasileira... A influência foi essa, foi por acaso que eu entrei na ginástica.

A.M.- E tu praticas outra modalidade esportiva ou já praticou ou tu trabalhou em outra parte, outra gestão?

---

<sup>4</sup> Adriana Alves.

<sup>5</sup> Daiane dos Santos, ginasta olímpica campeã mundial de solo em 2003 em Anaheim, nos Estados Unidos

<sup>6</sup> Rua de Porto Alegre, localizada na Zona Norte.

<sup>7</sup> Hospital de Porto Alegre.

E.S.- Não, gestão esportiva não. Eu tive outra gestão... É que minha vida ela é, talvez até pela minha idade, é pontuada de várias mudanças profissionais. Por exemplo, eu comecei no esporte, fiz Educação Física, fiz alguns cursos até no exterior de ginástica e me especializei em Ginástica Olímpica. Depois eu fiquei durante uns vinte e cinco, trinta anos na área de ginástica e aí eu atuei em todas as frentes da ginástica, como dirigente, como ginasta, como técnica [TELEFONE TOCANDO] Quando eu da ginástica, eu fui convidada para ir para a Associação Atlética Banco do Brasil e lá fiz... Era uma área completamente diferente, eu gerenciei o departamento sócio-cultural e foi de lá que eu trago essa experiência de organização de eventos. Todos os eventos que aconteciam na AABB, tanto na área social quanto cultural, passavam pelo meu departamento. Inclusive criamos um projeto que já existe há dez anos: “AABB Ação Cultura” que visa, justamente... Os clubes têm a sua base, sua origem no social ou no esporte; aí, as vezes, a grande maioria dos clubes tem uma certa deficiência na área cultural... Hoje até os clubes estão bem melhores, já tem até exposições, já estão levando teatro, mas um dos primeiros clubes a levar, a criar um projeto, a sedimentar nesse projeto sistematicamente foi a AABB de Porto Alegre, inclusive, até foi feito um fórum há uns sete anos atrás para debater a importância cultural dos clubes. Então, na realidade, na área esportiva eu não atuei como gestora em nenhum outro esporte.

A.M.- E desde quando tu estás envolvida na gestão da ginástica? E eu queria saber também se tu tiveste outras experiências, ou acadêmicas, escolares a frente de diretórios?

E.S.-Sim, há muitos anos atrás eu trabalhei no grêmio estudantil, não como presidente, se não me engano era vice-presidente. Mas isso foi há muito tempo, inclusive, foi na década de 1960, na época da repressão. Eu não entendia muito bem o que tinha a ver, por ignorância política; eu não entendia muito bem porque a gente tinha que tomar tantos cuidados. Eu era bem jovem naquela época e não era muito politizada, então, eu tinha dificuldade em compreender... Eu fui professora da Universidade de Santa Cruz<sup>8</sup> na cadeira de Ginástica, tu perguntaste o que mais que eu teria...

A.M.- Se tu esteve envolvida em outras experiências ou acadêmicas, ou escolares a frente, de gestãoantes da gestão de ginástica?

E.S.- Na realidade que eu estou lembrada é que quase sempre foi ligada a ginástica, não estou lembrada de outra. Ah, fui vice-diretora de uma escola! Eu tenho uma certa dificuldade de me manter longe [RISO]... Os meus amigos dizem que eu adoro encenar, eles até dizem que eu procuro; eu não acredito que eu procuro, eu penso que a minha liderança é mais ou menos, ela é bem natural porque muito antes de falar em liderança, em gestão feminina eu já tinha essa facilidade de chegar nos locais e de começar a coordenar. Eu normalmente, por exemplo: cheguei na escola para dar aula, aí eu dizia, agora eu só vou ser professora, aí em dois anos, pelas ideias e algumas renovações que nós fazíamos, já estava o pessoal a dizer: “Quem sabe então tu te candidata...” Interessante que eu também nunca me candidatei, eu não fui candidata para a Federação Acho que a minha atuação de alguma maneira se destaca talvez pela maneira de atuar; eu acabo sendo candidata, então, todas as vezes que eu atuei como gestora foi através de convites. Lá no Grêmio Náutico União eu fui a única, como eu disse, fui a única mulher até agora a ser gerente geral de esportes no Grêmio Náutico União. Isso foi por convite, eu estava na Ginástica e, pelo meu trabalho, pela organização eles acharam que eu teria condição ou competência para atuar como gerente geral.

Eu acho importante salientar que a minha geração ainda teve muitas dificuldades em ser aceita como gestoras, inclusive no Grêmio Náutico União; a minha saída do Grêmio Náutico União não foi pelos projetos, inclusive, tem um projeto no União que foi criado na nossa gestão que é o “Projeto Verão”, que era um projeto justamente que visava uma relação mais interessante custo-benefício para o clube no período de férias... Então nós criamos, naquela ocasião, uma atividade que a criança ou jovem ou adolescente ficava o turno inteiro dentro do clube no período de férias fazendo várias modalidades esportivas. Foi um aproveitamento de pessoal, de espaço e também a melhoria da relação custo-benefício. O projeto foi tão bom que foi ampliado e continua hoje no clube, mas por que eu fui demitida naquela época? Porque o nosso presidente naquela época não aceitava a minha gestão, ele entrou e não aceitou a minha gestão, a gestão de uma mulher. Era muito interessante porque ele chegava, reunia todos os gerentes, aí depois eu chegava no clube no meu horário de trabalho e via meus colegas se dirigindo para a sala de reuniões, aí eu perguntava: Onde vocês estão indo? A gente está indo para a reunião dos gerentes, tu não vais?”, “Mas eu não sabia”.

---

<sup>8</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), localizada na cidade de Santa Cruz do Sul, RS.

Aí claro, como eu era preocupada, eu pegava a minha mochila, a minha pasta... Chegava na reunião e ele dizia: “Mas, senhora foi convidada?” E eu dizia: “Mas, não era uma reunião de presidentes?” “Eu não me lembro de tê-la convidado.” E aí a minha demissão do Grêmio Náutico União foi pelo “Projeto Verão” porque ele não aceitou que todo o grupo diretivo do clube tenha gostado e ele tinha sido contra. Então, claro, como ele não podia demitir seus diretores ele demitiu a pessoa que levou o Projeto... Realmente eu acho que se eu tivesse vivido ou começado meu trabalho hoje, sem dúvida, eu teria me dirigido à questão da gestão de maneira mais fluída e mais fácil porque era bem complicado ser mulher no meio de todos os homens. A gente tinha que ter uma postura bem diferente das posturas... Hoje é bem natural tu chegares num lugar e ver uma mulher *gestando* um negócio e antigamente não era assim. Era bem complicado.

A.M.- E quais os limites e as dificuldades que tu encontras aqui na gestão da ginástica?

E.S.- Bem eu peguei... A primeira coisa que eu encontro é que o nosso esporte é muito amador, a gestão do esporte ela é muito amadora, eu digo do esporte ginástica e outros. Eu acredito que a gente vê muito profissionalismo hoje no vôlei, está bem profissionalizado [CELULAR TOCANDO], aí tu desliga o gravador um pouquinho que eu vou dar uma olhadinha que estou aguardando uma ligação.

[INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]

A.M.- Então retomando, quais os limites e as dificuldades que tu encontra na gestão?

E.S.- A dificuldade, então, como eu estava dizendo é que o esporte tem ainda uma gestão muito amadora e quando eu entrei na Federação, pelo trabalho que eu fiz como gerente sócio-cultural da AABB, eu imaginei porque eu fiquei 20 anos afastada do esporte. E eu imaginei pelos resultados da ginástica com a Daiane e o Mosiah<sup>9</sup>, que nós tínhamos uma gestão federativa mais profissional e eu não encontrei nada disso.

---

<sup>9</sup> Mosiah Rodrigues- atleta brasileiro de ginástica olímpica nascido em Porto Alegre



Primeiro porque encontramos uma Federação completamente sucateada, porque uma coisa que eu considero equivocada no esporte, é o tempo que um presidente pode ficar. O ex-presidente ficou 15 anos, e aí, não sei o que levou essa pessoa a deixar a Federação como deixou mas nós temos dívidas exorbitantes com o governo federal, com o governo estadual, impagáveis. Inclusive para conseguirmos manter a Federação nós estamos tentando politicamente resolver essas questões, porque nós não temos como pagar esse débito. Então as dificuldades são essas, gestões não profissionais, não existe um plano; nós estamos agora montando um planejamento estratégico para a Federação porque chegamos aqui sem saber para onde ir, não tinha dinheiro em caixa, estávamos em vermelho e aí tu não sabes por onde começar, tu não tens um foco... Para objetivar as ações da Federação, uma presidente de Federação não ganha nada, é um trabalho voluntário que é estatutário, mas nós queremos, se continuarmos na Federação... Porque nós pegamos os últimos dois anos da gestão, que o ano passado e este ano, temos o ano que vem, aliás os três últimos anos. Então a nossa preocupação é que possamos deixar aqui dentro da Federação algum projeto, alguma coisa que venha a ser seguido. Eu acho que eu me perdi um pouquinho na pergunta, eu acho que estava respondendo uma coisa e fugi.

A.M.- Não, mas qualquer depoimento para mim é válido, qualquer informação. Que fatores te levaram a se envolver na gestão, na presidência da ginástica?

E.S.- Foi um convite, foi bem interessante isso porque eu estava afastada da ginástica há vinte anos. O ano retrasado houve um fator que desencadeou a minha volta foi assim: eu afastada há vinte anos, recebi um convite da Confederação Brasileira de Ginástica dizendo que estava a minha disposição passagem, estadia em hotel em São Paulo para assistir a Copa do Mundo. Eu achei que fosse engano, vinha para o meu e-mail mas dizia assim: "Prezada senhora" na correspondência. Eu fiquei surpresa e assim: vai ver que mandaram por engano para a Federação que tinha meu e-mail e tal; aí eu liguei para a Adriana que é diretora técnica da ginástica e disse: "Adriana tu está sabendo de alguma coisa?" E ela disse: "Eliana sabe o que é que é, é que tem um grupo... Vai ter esse campeonato e eles selecionaram alguns esportistas e técnicos para serem homenageados nessa Copa, só que tu não pode dizer que eu te falei que era isso, porque eles mandaram o convite". Assim, ,, chegamos em São Paulo na Copa do Mundo até onde a Daiane foi campeã mundial e fomos homenageados com outras pessoas. O Rio Grande do Sul, eu acredito, que essa

homenagem tenha sido um reconhecimento ao trabalho do Rio Grande do Sul e como eu mantive um trabalho mais efetivo, por exemplo: hoje ainda se mantém, de certa maneira a estrutura organizacional que nos deixamos no União ha vinte anos atrás na área de ginástica, então, os resultados começaram a aparecer. Acredito que por isso fomos homenageados e, quando eu sai de lá, vi que meu nome era muito lembrado dentro da ginástica que eu não imaginava... Encontrava uma pessoa e: “Foi uma pena tu teres saído e tal”. Mas eu havia saído. E aí houve outro fato: isso foi em maio, o meu filho foi me visitar um dia lá em casa e estava o quadro a homenagem na parede e ele comentou comigo: “Olha, que pena tu teres saído da ginástica mãe, tu tinhas um trabalho tão bom.”... Não há prova que eu já abandonei a ginástica, que é coisa do passado, então, já fui homenageada, reconhecida e tal... Três dias depois disso me ligou a Adriana dizendo que o presidente, pedindo a minha... Aí Eliana, nós estamos precisando de uma ajuda na Federação, mas eu não imaginava que era para ser presidente, eu imaginava... Naquela hora eu pensei assim... Eu juntei as coisas: naquele ano eu tinha sido homenageada, aí meu filho me chamou atenção que talvez eu devesse ter continuado e aí eu recebi um convite da Adriana para participar de uma reunião... “Quando eu cheguei nessa reunião tinha um representante da SOGIPA<sup>10</sup>, da Universidade Federal<sup>11</sup>, que é filiado também da ESEF<sup>12</sup>, do União me pedindo para assumir a Federação porque o presidente pretendia renunciar.

Foi uma surpresa, mas eu imaginava uma Federação que estivesse mais estruturada, mas aí, enfim, começamos a fazer. Isso foi em novembro do ano retrasado. Fizemos várias reuniões e eu considerei que seria uma colaboração importante, e aí, uma coisa que me deixou muito feliz realmente, e já demonstra acredito que, assim, uma certa visibilidade do meu trabalho na Federação é que eu fui convidada agora, para ser chefe da delegação no Pan-Americano. A delegação de ginástica e fui uma surpresa muito grande porque eu estava há menos de um ano como presidente quando recebi esse convite... A gente está aqui prestando colaboração... Uma coisa que eu lembrei agora, que eu estava falando a respeito do não pagamento as pessoas que trabalham nas federações, esse amadorismo eu acho muito prejudicial. A imagem das federações e também do profissionalismo. Por exemplo: hoje, embora sendo *free*, se eu fosse aposentada e tivesse esse trabalho *free*, eu não poderia estar me dedicando, então, todo mundo que pega a federação tem dificuldade

---

<sup>10</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867 passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre, em 1942.

<sup>11</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

em ficar tempo na federação e uma gestão eficiente demanda tempo; demanda pensar a gestão. Então, acredito que talvez o outro presidente, por ser professor não sei o quê, ele não tenha tido tempo de pensar a Federação pro futuro. Eu acho que ele foi, talvez, não estou dizendo que não tenha sido uma boa gestão porque eu não acompanhei, eu estive vinte anos fora mas, pelas irregularidades que nós encontramos, acreditamos que eram coisas feitas sem pensar, feitas muito amadoristicamente... Eu imagino que temos que repensar as federações de maneira profissional, com um salário, porque hoje ninguém quer ser presidente de federação por quê? Primeiro, porque não ganha nada e as pessoas tem que viver, então é um voluntariado; segundo: como tu não ganhas nada, todo mundo acha que se tu entras para um trabalho assim tu quer pegar [PALAVRA INAUDITÍVEL]... Tu quer usufruir de alguns benefícios e acredito que, também, dá margem a algumas irregularidades... Pessoas quererem, eu fico indignada porque, às vezes, eu peço uma nota e: “Qual é o valor da nota?” Eu só comecei a me dar conta que essas irregularidades, aconteciam quando eu comecei a trabalhar aqui... Tá, mas como eu vou conseguir?... Fulano de tal não dá nota... Aquela coisa: tu dá um jeito, pede uma nota para um posto de gasolina, e eu digo assim: Isso é irregularidade! Se fala muito no Brasil, de maneira ampla, no que nós vemos em termos de Senado, Congresso Nacional, mas não se fala nas pequenas coisas, nos pequenos focos de corrupção, das origens, da semente... Eu não acredito que tenha começado lá, eu acho que o Senado é uma instituição, as pessoas que fazem o Senado, os senadores, os deputados é que levaram de algum lugar essa semente da corrupção; eu acho que começou em pequena escala, talvez, nas suas prefeituras, nas suas salas de aula, não sei, mas isso é uma coisa que me preocupa. Agora mesmo eu estava em uma reunião com a nossa diretora, a gente está contratando uma empresa de *marketing* para montar um plano de gestão, um planejamento estratégico que nós não temos e aí, quando eu pedi para a pessoa, ela disse: “Mas tu vais querer nota, então, eu vou ter que colocar *ok*, eu quero nota... Porque o conselho de algumas pessoas que eu ouvi: Não, tu consegues nota de gasolina”... Bom, como é que eu vou explicar dois mil e tanto de nota de gasolina ou três mil, quatro mil? Então essas coisas, que eu acredito que tem que mudar no esporte, nas federações; temos que criar estatutos, que possibilitem o presidente fazer uma retirada, um ganho efetivo, enfim, para poder... É um trabalho importantíssimo, eu penso que as federações... Essa é uma visão que eu tenho e nosso planejamento estratégico, a partir das pesquisas que nos vamos fazer, siga esse rumo na Federação. Eu não vejo as federações apenas como organizadoras de competições, eu acho que elas têm uma

responsabilidade com a questão educacional cultural e social também, isso tu tem que ter um gestor que esteja envolvido com essa política.

A.M.- E o fato de ser mulher tu achas que dificulta?

E.S.- Não, hoje em dia não. É interessante, a gente ainda passa por situações assim, embora tenha muitas mulheres gestoras... Ainda não é um grupo tão grande, então por exemplo, eu recebi agora, após o Pan-Americano, um convite para um almoço lá no Grêmio Náutico União... Não é dificuldade, mas ainda são situações assim que não são tão usuais. Quando chegamos lá, o presidente do Grêmio Náutico União, por eu ser a única mulher presente presidente de Federação, ele convidou apenas a mim para sentar na mesa da presidência, da diretoria... Então, na realidade, foi uma deferência não ao presidente mas ao feminino; nesse caso foi uma deferência positiva sei lá, digamos assim, porque eu fiquei na mesa com o Prefeito... Claro tu faz contatos interessantes, mas por outro lado também, tem situações constrangedoras, muito mais para os maridos de gestoras que, às vezes, a gente chega... Já aconteceu de eu chegar com meu companheiro em um almoço e não ter lugar para ele sentar, ou então, quando mandam um convite mandavam só para mim... Quando normalmente mandam para um gestor homem mandam para o casal... Só que isso está mudando, eu não vejo dificuldade; eu acho que hoje a pessoa, sendo um gestor competente ou uma gestora, nenhuma porta se fecha mas que existe algumas pequenas resistências existe sim; existem algumas cabeças arcaicas que ainda acham que lugar de mulher é na cozinha.

A.M.- E como tu te percebes na gestão?

E.S.- Olha, inicialmente muito confusa, porque eu havia já trabalhado como gestora em entidades com políticas estabelecidas, e aqui eu não encontrei. Então, realmente, nós demoramos um ano para começar a entender de novo a questão esportiva, o que estava acontecendo no esporte. Na realidade eu tomei algumas atitudes bem significativas a partir do Pan-Americano... Quando eu falo em gestão... Nós temos uma Confederação que, na minha opinião, está fazendo um trabalho maravilhoso, mas não está fazendo um trabalho maravilhoso para a ginástica do Brasil, mas sim para a ginástica, para um grupo de alto rendimento e esta não é a ginástica do Brasil. Esse é um grupo de dez, quinze que seja,

vinte ginastas. Isso não é bom para o esporte do Brasil, não é bom para a ginástica, as federações, todas as federações brasileiras estão com dificuldades, com problemas muito difíceis de resolver porque a Confederação não tem um planejamento para a ginástica nacional. Ela estabeleceu uma política para a ginástica somente de alto rendimento, então, as dificuldades que eu estou encontrando aqui, como eu me vejo, eu me vejo muitas vezes perdida, porque eu sou uma presidente de federação com outras presidentes [TELEFONE TOCA] de federações com o mesmo problema do amadorismo.

Nós temos o seguinte: olha só, um perfil que eu estou traçando, que é assim... Chegando lá na assembleia da Confederação eu imaginei que a minha Federação tinha problema e que as outras não tinham, que a do nosso Estado tinha, mas eu observei que tem federações no Brasil que é como uma mãe de atleta, que usa o computador da casa dela para poder fazer as coisas andarem... Tem federações que não tem sede. Como é que a gente vai imaginar o esporte assim? Quando tu me perguntaste como eu me vejo... Eu me vejo, às vezes, muito incompetente para resolver algumas coisas e, às vezes, competente demais para o nível do que eu estou vendo [CELULAR TOCA] de outras federações. Essa não é uma dificuldade... Hoje eu me sinto confortável porque eu vejo que estou no caminho certo, eu tenho conversado com algumas pessoas e acho que o que estamos fazendo esta sendo importante e útil para a Federação.

[INTERRUPÇÃO NA FITA]<sup>13</sup>

A.M.- E como tu vê a gestão das mulheres no Brasil?

E.S.- Olha, eu vejo com muita alegria. A nova safra de gestoras está aparecendo, eu tive a oportunidade.. Tem uma mulher que eu sempre cito como exemplo, independente de partido, que não importa, que é a ministra Dilma Rousseff<sup>14</sup>. Eu tive a oportunidade de conhecer ela aqui no Estado como esposa de um deputado e, naquela ocasião, eu digo assim: eu devo ter uma visão bem legal, porque naquela ocasião eu comentei assim: eu não vou votar no esposo dela, ele era candidato, eu não vou votar nele, porque não sei, ele não me passa muita confiança; agora se ela fosse a candidata, eu votaria. Ela é uma mulher da minha geração, que para mim é um exemplo, mas quando vejo, estou falando na

---

<sup>13</sup> A entrevistada atende uma pessoa que chegou ao gabinete.

<sup>14</sup> Ministra-chefe da Casa Civil desde 31 de junho de 2005.

área política. Tem a Manuela<sup>15</sup>, uma jovem, eu ainda não estou falando no que elas fizeram, mas eu digo assim, são mulheres muito jovens; a gente chega em empresas e vê mulheres com 25, 30, 40 anos, em empresas de ponta; como eu disse, hoje em dia vale muito a competência, eu acho que as portas não estão mais se fechando para as mulheres. Hoje ela se fecha de maneira geral para a incompetência e aí eu atribuo uma grande competência é a da mulher ser aceita no mercado, então, eu acho que , faz parte da competência da gestão feminina, o respeito, as outras competências que as mulheres tem. Acho que hoje as mulheres estão sabendo, além de ganharem seu espaço, serem respeitadas, estão fazendo seu trabalho maravilhoso, então, eu fico feliz em saber que um grupo de mulheres como a minha geração e mulheres que nos antecederam, foram, as pessoas que conseguiram. Nós abrimos caminhos e as mulheres trilharam esse caminho. Nós tivemos ícones de mulheres assim como Chiquinha Gonzaga<sup>16</sup> numa época que... Ela inclusive regeu uma orquestra, então, essas realmente são os grandes ícones que abriram caminhos e nós continuamos nessas trajetórias, então, eu acho que a gestão feminina está muito bem.

A.M.- O Centro de Memória agradece o depoimento e a gente está à disposição para visitar-nos.

E.S.- Eu gostaria de conhecer, aliás é um assunto que eu gostaria de tratar contigo agora.[RISO]

A.M.- Está bom, obrigada!

[ FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>15</sup> Manuela d'Ávila, Deputada Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Partido Comunista do Brasil.

<sup>16</sup> Francisca Edwiges Neves Gonzaga conhecida como Chiquinha Gonzaga (1847-1935). Foi compositora, pianista e a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil